Lição 9 - Problemas Decorrentes. Intelecto como Inteligível

TEXTO 429b23-430a9 - LIVRO III, CAPÍTULO IV, CONTINUAÇÃO

> *Alguém poderia perguntar (se o intelecto é simples e impassível, não tendo nada em comum com qualquer outra coisa, como disse Anaxágoras) como ele entende, se entender é um receber. Pois parece que uma coisa age e outra é agida, apenas na medida em que há um fator comum a ambas. § 720*
>
> *Novamente, se ele próprio é inteligível: então ou há intelecto em outras coisas inteligíveis — (a menos que seja inteligível em virtude de algum princípio extrínseco) sendo o inteligível especificamente uno; ou terá, misturado consigo mesmo, algo que o torna inteligível, como outras coisas têm. §§ 721-2*
>
> *Ou o que dizer da receptividade em sentido geral, já aludida ao fazer distinções sobre este ponto? Antes de realizar um ato de entendimento, o intelecto é seus objetos inteligíveis em potência, mas não em ato. Deve ser como com uma tabuinha na qual nada está escrito em ato; e assim, de fato, é o caso do intelecto. §§ 722-3*
>
> *E ele próprio é inteligível como outros objetos inteligíveis. Pois em coisas separadas da matéria, o intelecto e o que é por ele entendido são idênticos. O conhecimento especulativo é o mesmo que o que é cognoscível desta forma. §§ 724-6*
>
> *A razão pela qual nem sempre há entendimento deve ser considerada. Nas coisas materiais, cada objeto inteligível existe apenas em potência. Por isso nelas não há intelecto, pois a mente que entende tais coisas é uma potência imaterial. O inteligível existe, no entanto, [nelas]. § 727*

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO NOVE

§ 720. Tendo delineado a natureza e o objeto do intelecto potencial, Aristóteles agora prossegue para discutir algumas dificuldades relevantes; e isto em duas etapas: primeiro, apresentando dois problemas e, em seguida, em 'Ou o que dizer da receptividade', respondendo-os. O primeiro dos dois problemas poderia ser assim colocado: se o intelecto é, como disse Anaxágoras, algo simples e impassível e separado de tudo o mais, como pode ele entender em ato? Pois entender é um tipo de receber, e todo receptor, como tal, pareceria ser afetado por um agente; e é precisamente por ter algo em comum que duas coisas se relacionam como agente e paciente, implicando esta relação mútua um fator material em comum, como é mostrado no Livro I do *De Generatione*.

§ 721. A segunda dificuldade ele apresenta em 'Novamente, se é'. Esta dificuldade é ocasionada por sua declaração anterior de que, uma vez que a mente está em ato, ela pode entender a si mesma. Ora, se o próprio intelecto é inteligível, ele o é de uma de duas maneiras: ou meramente por si mesmo, ou por meio de algo outro a ele conjungido. Se a primeira alternativa for verdadeira, então, uma vez que o inteligível como tal forma uma única espécie, e uma vez que este inteligível é um intelecto, parece seguir-se que outros inteligíveis são também intelectos, e assim tudo que é inteligível é também inteligente. Se tomarmos a segunda alternativa, no entanto, seguir-se-ia que a mente era como outras coisas que são entendidas por estar conjungida com algo que a torna inteligível, com o resultado, poderia parecer, também aqui, de que aquilo que é entendido possui sempre entendimento.

§ 722. Em seguida, em ‘Ou quanto à receptividade’, ele remove essas dificuldades. Quanto à primeira, baseando-se em sua análise anterior da passividade, ele nos lembra que se pode falar de passividade em um sentido geral, que é comum a dois tipos diferentes de mudança: à alteração mútua das coisas que têm seu fator material em ‘determinações formais comuns e mutuamente exclusivas, alternadas; e também à mudança que implica nada mais do que uma recepção de formas externas à coisa mudada. A mente, então, é chamada de passiva apenas na medida em que está em potência, de alguma forma, para objetos inteligíveis que não são atuais nela até serem compreendidos por ela. É como uma folha de papel na qual nenhuma palavra ainda está escrita, mas muitas podem ser escritas. Tal é a condição do intelecto como potência, enquanto lhe falta conhecimento atual dos objetos inteligíveis.

§ 723. Isso é contra, não apenas a visão dos primeiros filósofos naturais de que a alma conhece todas as coisas por ser composta de todas as coisas, mas também a opinião de Platão de que a alma humana é por natureza possuidora de um conhecimento universal que apenas sua união com o corpo fez esquecer. (Essa teoria está implícita na redução platônica do aprendizado ao lembrar.)

§ 724. Após isso, em ‘E ele mesmo é’, ele responde à segunda dificuldade; e, em seguida, em ‘A razão pela qual não há’, a uma nova objeção. Primeiro, então, ele diz que o intelecto potencial é ele mesmo inteligível, não imediatamente, mas como outras coisas inteligíveis, através de um conceito. Para provar isso, ele recorre ao princípio de que o objeto realmente compreendido e o sujeito realmente compreendente são um só ser — assim como ele disse anteriormente neste livro, que o objeto realmente sentido e o sujeito realmente sensitivo são um só ser. Ora, o que é realmente compreendido o é em virtude de uma abstração da matéria; pois, como vimos, as coisas se tornam objetos do entendimento justamente na medida em que podem ser separadas da matéria. Então ele diz ‘nas coisas separadas do material’. Assim, o entendimento e o compreendido são um só ser, desde que o último seja realmente compreendido; e o mesmo é

verdade para o objeto e o sujeito da sensação. O conhecimento especulativo e o que é cognoscível ‘dessa maneira’ (isto é, em ato) são idênticos. Portanto, o conceito da coisa realmente compreendida é também um conceito do entendimento, através do qual este pode compreender a si mesmo. É por isso que toda a discussão anterior sobre o intelecto potencial foi conduzida em termos do ato e do objeto deste último. Pois só conhecemos o intelecto através do nosso conhecimento de que o estamos usando.

§ 725. A razão pela qual o intelecto potencial não pode ser conhecido imediatamente, mas apenas através de um conceito, é o fato de que ele é potencial também como objeto inteligível; pois, como é provado no Livro IX da *Metafísica*, a inteligibilidade depende da atualidade. E há uma dependência semelhante no campo das realidades sensíveis também. Nesse campo, o que é puramente potencial, isto é, a matéria nua, não pode agir por si só, mas apenas através de alguma forma a ela unida; enquanto as substâncias sensíveis, sendo composições de potência e ato, podem agir, até certo ponto, por si mesmas. Da mesma forma, o intelecto potencial, sendo puramente potencial na ordem das coisas inteligíveis, nem entende nem é compreendido, exceto através de seus próprios conceitos.

§ 726. Mas Deus, que entre os objetos inteligíveis é aquele que é atualidade perfeita, e também as outras substâncias imateriais intermediárias entre potência e ato, conhecem e são conhecidos simplesmente por e em si mesmos.

§ 727. Em seguida, em ‘A razão pela qual’, ele responde a uma objeção à solução acima. Pois se nossa mente, como outras coisas, é tornada inteligível pela união com algum princípio de inteligibilidade que não é precisamente ela mesma, por que qualquer objeto inteligível não seria ele mesmo um sujeito que compreende; — ou, como ele diz, ainda temos que investigar ‘a razão’ para ‘nem sempre compreender’. Ora, a razão é que em qualquer coisa material a forma não é realmente inteligível; é apenas potencialmente assim; e apenas o que é realmente inteligível, não o meramente potencial, é idêntico ao intelecto; de modo que as coisas cuja forma existe na matéria não são elas mesmas dotadas de um intelecto para compreender. A ‘mente que compreende tais coisas’ (isto é, objetos inteligíveis) é uma certa potência imaterial. A coisa material é de fato inteligível, mas apenas potencialmente, enquanto o que existe num intelecto é uma forma realmente inteligível.

Revision #2
Created 4 October 2026 20:04:02 by Admin
Updated 11 October 2026 22:21:15 by Admin